

IMAGINÁRIO, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA: INVENTARIANDO E (AUTO)BIOGRAFANDO TRAJETOS DO VIVIDO NUMA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

QUINTANA, Larissa Radmann

Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação

KIESOW, Claudine Neitzke

Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação

PERES, Lúcia Maria Vaz

Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como intuito principal inventariar e (auto)biografar histórias de vida, adentrando nos trajetos do vivido de formadores e aprendizes de professores. O trabalho proposto pretende contribuir para valorizar os trajetos vividos e as histórias de vida como delineamento de cenários educativos para tornar visível a “vida viva” de professores e suas obras, desde o ponto de vista dos guardados da memória. Pontualmente, a pesquisa propõe uma investigação do trajeto de vida e de profissão de oito professores que estiveram envolvidos com a criação e a instalação da Faculdade de Educação (FaE), da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL/RS, e cinco alunos, que atualmente fazem parte do corpo docente desta mesma faculdade.

O grande foco da referida pesquisa, são as relações entre o imaginário, a educação e a memória, problematizando-os como elementos fundantes do que vamos sendo, pensando e fazendo na Educação. Esta abordagem de estudo e pesquisa refere-se a uma matéria complexa, geralmente distanciada das práticas educacionais: valorizar as histórias de vida e a memória, movidas pelos conteúdos do imaginário como potencializadores do trajeto autoformativo (JOSSO, 2004; DELORY-MOMBERGER, 2008).

Temos como hipótese que nos guardados da memória encontraremos saberes plenos de movimentos e de complexidades, os quais podem nos remeter às raízes imaginárias e arquetípicas que ainda hoje, parecem estar refletidas em concepções e práticas, na FaE.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa, ainda em processo de captura de dados, tem como metodologia principal, a articulação dos processos relativos às histórias de vida de professores fundadores da FaE. Tais histórias serão problematizadas a partir do campo de estudos do imaginário e do simbólico. Portanto, usaremos uma metodologia que relaciona narrativas (auto)biográficas, fotos e documentos. Estes dados empíricos se constituirão como “motores de fala e de escrita” do objeto e questão. Pretende-se obter o desencadeamento deste processo através de: 1) **pergunta detonadora** tipo entrevista aberta – tem como objetivo estimular o resgate da memória dos professores e dos alunos; 2) **autorretrato** – cada sujeito poderá descrever-se como pessoa, profissional e aluno, tendo como base as vivências naquela época. A

pergunta detonadora é a seguinte: a) para os professores: que imagens-lembranças¹ te ocorrem quando pensas na criação da FaE?; b) para os ex-alunos atuais professores: que imagens-lembranças te ocorrem quando pensas na tua trajetória como aluno da FaE?.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista estarmos em processo de degravação das narrativas, optamos por fazer um recorte, analisando somente uma delas, qual seja: a da primeira diretora da FaE e também fundadora, professora C.C. Nesta narrativa, podemos observar que a utopia é algo muito forte, mas não utopia como geralmente a conhecemos, como pensamos que seja (ou como está nos dicionários, significando algo impossível, sonho ou devaneio), mas sim uma utopia atingível, inabalável, que deve atingir a todos. Para ela, quem acredita em utopia, pode tudo, ou melhor, quem tem um ideal, tem tudo. Costurando a narrativa dessa professora observamos que a criação da FaE era o nascimento da mudança, do novo, de um lugar diferente que buscava fazer a diferença.

As histórias de vida vividas na FaE são permeadas de convergências e singularidades que nos fazem refletir sobre as práticas atuais: a busca constante com a coerência e inovação frente ao instituído. Mesmo que este texto vise apresentar e refletir sobre a narrativa de C.C., durante as degravações, percebe-se uma semelhança entre todas as narrativas. Ou seja: a de que a FaE era, e ainda é, um lugar muito crítico, político.

Em relação à história de vida, Josso (2009) nos diz que ela

...relatada é uma mediação do conhecimento de si na sua existencialidade que possibilita que o autor reflita e se conscientize sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação (p.121)

Podemos constatar essa contribuição da autora, na narrativa de C.C. a respeito do que ela imagina que a tenha movido, juntamente com seus colegas fundadores da FaE: Segundo ela foi

porque era essa desconformidade com o real existente na educação, que nos fez a nós próprios, buscar um campo de atuação que de um lado nos exigisse a ser professores mais engajados, mais objetivos, mais abertamente contestadores do real existente, mais capazes de criar um novo real daqueles que fossem também ser educadores. E nós pensávamos, na época, que tudo isso devia começar especialmente por aqueles professores, que trabalhassem com as crianças de primeira série. (entrevista dia 16/04/2010)

Com esta fala acima, podemos analisar que C.C. reflete sobre o real vigente naquele tempo, exercendo a utopia de pensar e criar uma Faculdade de Educação para formar professores capazes de construir um novo real. A representação que C.C. tem de si diante da FaE é movida por um desconforto com o *status quo*².

¹ Conceito extraído da obra de Gaston Bachelard, 1998.

² Expressão latina que designa o estado atual das coisas seja em que momento for.

C.C., como dito anteriormente, foi a primeira diretora da FaE, ou melhor, ela foi na verdade diretora *pró-tempore*, não querendo permanecer como diretora, como diz em sua narrativa:

Eu fui a primeira diretora. Mas, eu aceitei só ficar como diretora *pró-tempore*, porque eu disse muito claro: eu quero ser livre para fazer o que o poder não quer que eu faça. Se eu tiver poder, eu não posso fazer. (entrevista dia 16/04/20010)

Podemos observar o quão forte é a pessoa C.C., pois, além de ter a utopia muito presente em sua vida, ela vai em busca da realização dessa utopia, não espera, vai à luta, alcança e sempre com esperança. Ela mesma nos diz: “quem tem utopia verdadeira, mexe a terra, é muito difícil derrubar.”

4 CONCLUSÕES

A narrativa recortada para este momento demonstra a forte tentativa de mudar o real existente daquele momento histórico; de exercer utopias e plantar desejos; planos de mudanças. Sobretudo, demonstra que a FAE, desde a sua gênese esteve voltada à reflexão sobre os movimentos que emergiam da sociedade. Foi pensada e criada para formar Pedagogos para as séries iniciais, tendo como fundamento o pensamento crítico e a resistência ao processo hegemônico dominante vigente na época. Qual seja: afastar-se do modelo de pedagogos especialistas.

Outro aspecto a ser observado refere-se à utopia. Ela está presente nas representações desta professora fundadora e primeira diretora da FaE. Tendo em vista tal representação (a utopia como motor da ação) podemos relacioná-la com o imaginário, a partir dos estudos do antropólogo Gilbert Durand (1988). Ela pode ser lida como uma possibilidade de imaginar e criar realidades, aparentemente impossíveis. E, para tanto, como nos ensina o autor, equilibrar o meio sócio-cultural. Os guardados das memórias que C.C. nos revelam que ela buscava a todo o momento “descortinar” o que estava escondido. Para ela “a utopia é aqui e agora”. Esta a acompanha durante desde a sua infância. Percebe-se, também a sua presença, determinante, durante a criação da FaE.

Enfim, os vividos narrados e refletidos por C.C. nos revelam que sua trajetória na FaE, ainda se reflete nas concepções e práticas de alguns professores que lá atuam. A partir das nossas vivências, acreditamos em uma consonância entre as concepções de C.C. e as práticas que vivenciamos, as quais podem ser produtos enraizados na fundação desta Unidade de Ensino, por meio de imaginários que ainda hoje vêm potencializando a formação de professores que passaram por lá e os que realizam a sua formação

5 REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação – Figuras do indivíduo-projeto**. São Paulo: Paulus, 2008.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. *A Imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas*. In PERES, Lucia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luís. **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009. p. 118 – p. 147.